

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo descrever e interpretar as inter-relações ocorridas em uma disciplina intitulada “O uso do computador no ensino de língua inglesa”, oferecida em um ambiente virtual a professores de língua inglesa em um curso de especialização. Para tanto, esta pesquisa fundamenta-se na abordagem sócio-interacionista de ensino-aprendizagem e na concepção colaborativa de uso do computador no contexto educacional.

Os resultados obtidos revelam que os professores de língua inglesa estão sedentos em utilizar as tecnologias em suas práticas, apesar de todos os obstáculos, como por exemplo, falta de capacitação e carência de tecnologias. Há ainda, por parte de alguns alunos-professores, participantes do curso, apesar da grande inserção do computador e internet em diversos âmbitos de nossas vidas, falta de familiaridade com o uso das diferentes ferramentas de comunicação e informação e, principalmente, com a navegação em ambientes virtuais de aprendizagem.

Por outro lado, já há iniciativas de alguns professores em promover um processo de ensino-aprendizagem mediado pelo computador de maneira contextualizada e pertinente aos interesses de seus alunos, com uma preocupação em ir além do simples uso tecnicista da ferramenta, mas com uma visão crítica e reflexiva de como utilizá-la, no sentido de otimizar o ensinar e o aprender.

¹ Professora do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação – Universidade Católica Dom Bosco

INTERAÇÃO E COLABORAÇÃO

Um dos pilares teóricos desta investigação é a perspectiva vygotskyana em que o sujeito não se constitui de dentro para fora e nem é um reflexo passivo do meio que o circunda, mas um agente ativo nas inter-relações que mantém consigo mesmo, com o outro e com o meio. Portanto, o ensinar e o aprender mediado por tecnologias de informação e comunicação (TICs) também deveria manter inter-relações: professor, alunos, tutores, ambiente virtual, ferramentas de comunicação e informação, material de ensino e aprendizagem, entre outros.

Kenski (2003: 66) vai ao encontro da perspectiva vygotskyana quando afirma que:

É nas idéias de Vygotsky que o poder da fala do professor é substituído pela interação, pela troca de conhecimentos e pela colaboração grupal a fim de garantir a aprendizagem. Fortalece-se o diálogo e as trocas de informações. As aprendizagens – o desenvolvimento do pensamento lógico e científico – realizam-se por meio da interação comunicativa, o que possibilita a construção social do conhecimento.

Além da perspectiva sócio-interacionista, há ainda, neste trabalho, outro componente teórico fundamental: a concepção colaborativa no ensinar e no aprender mediado pelas tecnologias. Segundo Kenski (2003: 112):

A criação de ambientes virtuais tecnologicamente apropriados para a realização de atividades educacionais precisa ser complementada com ações que tirem as pessoas do isolamento e as encaminhem para atividades em grupo, em que possam atuar de forma colaborativa. Com a colaboração de cada um para a realização de atividades de aprendizagem, formam-se laços e identidades sociais. Assim, criam-se grupos que, além dos conteúdos específicos, aprendem regras e formas de convivência e sociabilidade que persistem no plano virtual e fora dele.

Ao contrário do que alguns acreditam, as atividades colaborativas não desconsideram o individual e sim o somatório das individualidades em que “cada um é um centro” (Lévy: 1999) que pode contribuir para a construção dos saberes. Esse somatório de experiências pode ser observado no depoimento da aluna Maria:

Estou literalmente apavorada! Já fiz cursos a distância sem mediação tecnológica, só apostilas, indicações bibliográficas e avaliações por escrito. Já fiz cursos mediados pelo computador, com propostas tão ou mais autoritárias que os cursos regulares tradicionais que frequentei: Era só imprimir os "comandos", performá-los e enviar para avaliação. Agora, a coisa está diferente! Vejo trocas de experiências, conhecimento compartilhado e, enfim, a realização de co-construção em simples e-mails, leves, descontraídos... Mas, havemos de concordar em um ponto: tudo é fruto de planejamento, abordagens, metodologias pedagógicas e objetivos definidos. Que bom identificar ordem no caos da minha situação! E viva a diferença!² (Maria)

Entretanto, apesar da construção compartilhada de conhecimentos, há ainda, dentre algumas inter-relações de professores, alunos e tecnologia reveladas ao longo do curso em foco, a falta de familiaridade de professores e de alunos com o uso das diferentes ferramentas de comunicação e informação e de ambientes virtuais; o uso limitado da tecnologia sob uma perspectiva tecnicista; e, a necessidade de uma formação tecnológica.

FAMILIARIZAÇÃO COM AS TECNOLOGIAS: AVENTURAR-SE...

... precisamos envolver a educação em um processo mais inovador dispondo de vários recursos tecnológicos. E para que isso ocorra temos que ter coragem de apostar em propostas pedagógicas inovadoras sem medo de errar e trocar experiências, resultados com os nossos colegas. (Anise)

Como o excerto da aluna Anise mostra, incorporar as tecnologias de informação e comunicação no contexto educacional não é tarefa tão simples e fácil, pois exige abertura às mudanças, às diferentes formas de ensinar e de aprender mediadas pelas novas tecnologias, às novas capacitações tecnológicas, às mudanças culturais com novas formas de comunicação e de acesso à informação.

Além da falta de capacitação tecnológica, vista aqui “não só como conhecimento das tecnologias existentes, mas também, e talvez principalmente, através do contato

² Os excertos foram transcritos na íntegra, sem qualquer alteração e os participantes são identificados com nomes fictícios para manter o anonimato.

com elas e da análise crítica de sua utilização e de suas linguagens” (Sampaio e Leite, 1999: 15), há ainda a dificuldade de alguns contextos educacionais em oferecer o próprio acesso às tecnologias, como evidencia o próximo excerto:

Estamos mudando aos poucos e muitas vezes não é por falta de vontade e sim, por falta de recursos e capacitação para que os prof. façam presente essa era digital na vida dos alunos... (Karina)

Frente a esses novos desafios, tanto professores como alunos necessitam familiarizarem-se ao uso das tecnologias com qualidade, mais especificamente, ao uso do computador em suas práticas docentes e discentes, de acordo com suas propostas e objetivos educacionais traçados. O que pode parecer muito simples para alguns, é algo bastante complexo para outros, causando um sentimento de estranheza e desconfiança, como por exemplo, o excerto a seguir de uma participante do curso relatando sobre seus alunos:

... eu resolvi me aventurar pela primeira vez no ensino de LI mediado pelo computador e propus algumas atividades de compreensão auditiva e também produção de texto. A segunda foi mais significativa os alunos deveriam entrar em um site em que adolescentes expõem seus questionamentos e posteriormente dar uma de conselheiro virtual. Os alunos me enviaram "seus conselhos" por e-mail, mas uns 50% preferiu imprimir e entregar em mãos. Sim. De um grupo de vinte alunos 4, nem fizeram a atividade on-line (apesar de terem acesso a internet), um apenas não tinha. E dos que fizeram on-line sete imprimiram e me entregaram em mãos, alguns por medo de que eu não recebesse o e-mail e outros gostariam que eu corrigisse e devolvesse em mãos. (Leny)

Esse medo demonstrado por alguns alunos acontece devido às mudanças que as TICs podem acarretar em nossas práticas do dia-a-dia. Nevado et al (2002: 53) questionam “como entender as transformações que a mediação digital impõe a muitas das atividades cognitivas que envolvem o conhecimento, tais como a linguagem, a sensibilidade, a imaginação, o ensino e a aprendizagem”, questão que ainda estamos buscando respostas. De acordo com o excerto de uma participante do curso, a insegurança em relação ao novo existe:

... hoje iremos para a sala de informática! A turma fica toda agitada e

ansiosa e quando chega lá se depara com as seguintes atividades no programa word: escreva um texto sobre... , ligue..., numere...sublinhe... Os alunos só não querem voltar pra sala de aula por causa do ar-condicionado! He, he.. Isso é que inovação! Na verdade o receio do que é virtual se dá por conta de que tudo que não vemos não é concreto e real e causa muiiiiiita insegurança. Aqueles professores que não querem mudar têm é medo do novo, de não conseguir acompanhar, aprender, se adaptar e fica bem mais fácil dizer "Não quero..., não acho que seja necessário... aprendi assim e meus alunos também aprenderão"... esse negócio de tecnologia só veio pra trazer mais serviço pra gente... ah, mas não nego que dá um friozinho na barriga... (Karina)

O professor, nessa situação do novo, precisa fundamentar-se em bases teóricas para dar respostas às demandas atuais no sentido de raciocinar de maneira dialética e comprometida de acordo com as múltiplas realidades existentes (Morin, 2000). Tal fundamentação pode ser adquirida por meio de uma formação tecnológica crítica e reflexiva, aquela que extrapola o simples domínio da tecnologia, mas prioriza concepções pedagógicas no uso da TICs. Segundo uma aluna participante do curso em foco, a formação do professor é fundamental em um contexto educacional em que a tecnologia está inserida:

De todos os obstáculos que impedem uma aproximação maior do aluno e tecnologia nas escolas eu ainda vejo que é por falta de capacitação dos prof. Digo por experiência própria. Não sabia que tinha um universo tão rico a ser explorado e aproveitado nas aulas de LI. Este ano estou descobrindo tanta novidade... (Karina)

Moraes (2002: 9) já afirmava que:

... a opção por uma pedagogia menos instrucionista já não é apenas uma questão de preferência ou de afinidade intelectual com esta ou aquela teoria. É , sobretudo, uma condição de sobrevivência humana tanto no plano individual como no coletivo, já que precisamos desenvolver pensamentos cada vez mais abrangentes, reflexivos e criativos no sentido de encontrar soluções originais aos problemas que afligem a humanidade.

Muito mais do que “mudanças nos princípios, na organização e nas práticas educativas, há também mudanças na maneira de organizar conteúdos e nas formas como são trabalhadas e acessadas as fontes de informação” (Kenski, 2003: 76), quando no uso das tecnologias, sejam novas (como o computador ou a Internet) ou velhas (como o giz e a lousa).

As TICs, por elas mesmas, não garantem mudanças no ensinar e no aprender, mas o como elas são utilizadas pode sim fazer uma diferença nos papéis assumidos pelos professores e alunos, nas concepções de ensino e de aprendizagem adotadas e no comprometimento dos participantes envolvidos em um determinado contexto educacional.

MUDANÇAS: QUEREMOS ISSO?

Não podemos negar que mudanças em diversos âmbitos vêm acontecendo com a inserção das inovações tecnológicas: no trabalho, nas relações sociais e familiares, nos negócios, na economia, no cotidiano e, como não poderia deixar de ser, também na educação, como pontua a participante do curso no próximo excerto:

Sim, é possível mudar pra valer. A educação sempre foi muito discutida, mas pouco se faz para que de fato mude verdadeiramente. As salas de tecnologias funcionam como um impulso (inclusão) cada vez mais forte em todas as disciplinas. Ao meu ver (a tecnologia/informática) é uma motivação e devemos aproveitar essas ferramentas para pulsionar e dar novos rumos aos estudos. É certo que muita coisa ainda precisa ser aperfeiçoada, mas certamente é um grande começo e oportunidade para todos (principalmente a rede pública de ensino)... Acredito que muda a partir do momento que buscamos algo novo, que nos preocupamos em uma aula diferente, que prenda a atenção dos alunos, não necessariamente "o computador" mas no momento, esse é o equipamento que está revolucionando em todos os setores, e não seria diferente na Educação. Tudo muda, tudo evolui, então não seria diferente na educação??? (não é mesmo?). (Márcia)

Precisamos estar cientes de que as mudanças, apesar de ocorrerem, atingem de forma diferente cada um. Enquanto para alguns, utilizar as TICs é uma oportunidade de interagir com os outros e de buscar diferentes informações, para outros, pode ser vista como um ato de imposição e, conseqüentemente, sem esclarecimento dos objetivos propostos para tal incorporação, como podemos evidenciar no seguinte excerto:

Mas nem tudo são flores. Lembrei especialmente de uma experiência de aula de escrita para o 4o. ano de Letras em que fomos para o laboratório e uma aluna ficou realmente irritada comentando no momento em que entrou no

laboratório que não via objetivo em aula pelo computador. Apesar deste problema, que beirou a agressão verbal e chegou a descontar na cpu do computador(!) após o tempo do show, ela conseguiu conversar e participar com restrições do exercício. (Flaviana)

Entretanto, apesar da iniciativa de Flaviana de uso da tecnologia em sua prática docente parecer ter sido um pouco frustrante, a mesma aluna que havia ficado irritada naquele momento, mais tarde, percebeu a relevância de uso das TICs em sua vida pessoal e acadêmica, assumindo uma mudança de comportamento:

Por coincidência, ela me substituiu numa escola que lecionava quando mudei para MS. Resolvi então entrar no orkut da escola, e a minha ex aluna e agora colega de trabalho está com computador em casa, orkut, msn, e usando com seus alunos!! Posso considerar esta informação como um feedback em 2006 àquela aula do ano de 2002. (Flaviana)

Para que haja mudança de comportamento, é necessário que o uso da tecnologia nas práticas docente e discente tenha significado, seja adequado à proposta pedagógica e aos objetivos estabelecidos. Usar uma tecnologia no contexto educacional utilizando uma velha pedagogia (Marinho, 1987) não garante qualidade no processo ensino e aprendizagem, pois requer e propicia um modelo didático diferente, com novos modos de pensar, de sentir e de aprender (Belloni, 1991). Segundo o depoimento de Elis, não é suficiente empregar uma nova tecnologia com apenas uma nova roupagem, utilizando velhas práticas:

Lí o texto e pensei muito sobre as minhas aulas. Vejo nos alunos uma grande vontade de envolver-se com coisas novas e diferentes. As aulas ministradas na sala de informática apresentam rentabilidade maior, e muita disposição dos alunos em conquistar novos conhecimentos através do computador. Ministro aulas de Língua Inglesa em 9 salas de uma escola Estadual. E tenho muitos alunos meus adicionados no Orkut. O que prova que esses alunos estão muito interessados em tecnologia... Mudar de verdade, não apenas colocar uma roupa nova é a minha preocupação... estou lendo o segundo texto e pensando como poderia melhorar? Vejo que tenho armas nas mãos, mas preciso aprender a usá-las de forma correta. Gosto das mudanças. acho q todo profissional precisa mudar. estou terminando o ano, mas pensando no próximo em como fazê-lo melhor e mais produtivo.. (Elis)

Estamos vivendo em uma época de intensa variedade de informação e de grande velocidade na comunicação, e, portanto, necessitamos de uma formação contínua, ou

seja, de uma constante revitalização para que a escola não corra “o risco de ficar fora de seu tempo” (Silva, 1992: 62).

IMPLEMENTAR O USO DA TECNOLOGIA NA PRÁTICA

... Há aspectos positivos e negativos no aprendizado virtual, tais como a maleabilidade dos horários, a maior interação entre os participantes, o que no caso do ensino de língua inglesa é muito bom, pois possibilita a participação de nativos... Até aqui estávamos lendo e discutindo bastante sobre esse novo recurso tecnológico, mas creio que com essa exemplificação ficou mais fácil visualizar como eu poderei implementar isso em minha sala de aula... (Leda)

A preocupação de Leda vai ao encontro do que Leite e Sampaio (1999: 69) pontuam sobre a importância de “não tratar a formação global e específica, inicial e continuada do professor separadamente: atuação e formação”, de estar relacionando constantemente teoria e prática. Segundo Costa (1988) e Freire (1994), associar teoria e prática é vital para o desenvolvimento de um trabalho pedagógico no sentido de poder refletir sobre a realidade e nela interferir. A aplicação da teoria na prática é vista como um desafio, de acordo com o excerto a seguir:

Acredito... que este seja o nosso maior desafio: aplicar o que lemos, discutimos, trocamos, em nossas práticas. (Priscila)

Além da associação da teoria e da prática, há também a questão da reflexão e da criticidade. Para Sampaio e Leite (1999: 63), “a forma de a educação preparar as pessoas para o mundo tecnológico é fazer do aluno um sujeito reflexivo, que domina a técnica, que tem cultura geral e visão crítica para utilizar a tecnologia com *sabedoria*”. O excerto a seguir demonstra a preocupação de Flaviana em relação ao uso da tecnologia na prática pedagógica sem reflexão ou posicionamento crítico:

Fico chateada quando vejo um professor de ingles colocando os alunos para assistir um dvd sem razão de ser... só para passar o tempo, fico chateada quando percebo que as salas de informática estão chegando nas escolas, mas não chegou o treinamento dos professores para o uso criativo, responsável e eficiente deste meio. Maquiar a educação, dizer que não temos analfabetos, dizer que estamos todos incluídos digitalmente pois as escolas tem

computadores... isso não pode continuar! (Flaviana)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que as TICs podem beneficiar o ensinar e o aprender desde que utilizadas com reflexão e criticidade, sem considerá-las como a panacéia, a solução de todos os problemas educacionais existentes. Elas podem propiciar novas formas de interação, de comunicação e de acesso à informação e proporcionar maneiras diferenciadas de produção do conhecimento quando utilizadas de forma adequada e coerente aos objetivos pedagógicos traçados. Sem deixarmos nos seduzir com o novo:

O termo inovação é altamente traiçoeiro, sendo ao mesmo tempo sedutor e enganoso: sedutor, porque implica melhoramento e progresso, ao passo que em realidade apenas significa alguma coisa de novo e diferente. Enganoso, porque desvia a atenção da substância da atividade em causa – o aprendizado – em favor do cuidado da tecnologia da educação. (Huberman, 1973)

Devemos lembrar que o uso das tecnologias no contexto educacional não é novidade e sim “o esforço sem precedentes em transformar a educação em produto inócuo de consumo de massa” (Blikstein e Zuffo: 2003, 36).

Sabemos que não há receitas, mas podemos, pelas experiências vividas em contexto educacionais digitais, sugerir alguns itens que julgamos fundamentais para uma incorporação das TICs com qualidade: participação e comprometimento dos envolvidos no processo educacional; articulação entre teoria e prática; abertura e flexibilidade em relação às concepções e valores referentes ao ensinar e aprender por meio das TICs; e, interatividade e colaboração. É preciso ousar e vencer desafios nesse processo de integração dos recursos computacionais no contexto educacional,

transformar e transformar-se.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELLONI, M. L. Educação para a mídia: missão urgente da escola. *Comunicação e Sociedade* – revista de Estudos de Comunicação, s.n/ v.10, n.17, p.33-45, ago., 1991.
- BLIKSTEIN, P. e ZUFFO, M. K. As sereias do ensino eletrônico. In: SILVA, M. (Org.). *Educação Online*. São Paulo: Loyola, 2003.
- COSTA, M. C. V. A dissociação entre teoria e prática na formação do professor: examinando seu significado. *Tecnologia Educacional*. Rio de Janeiro, v.12, n. 83/84, jul./out., 1988.
- FREIRE, P. O vídeo na educação: perspectivas do educador. Palestra no 8º *Encontro de Vídeo na Educação*. São Paulo, jun. 1994. Mimeo.
- HUBERMAN, A. M. *Como se realizam mudanças em educação. Subsídios para o estudo do problema da inovação*. São Paulo: Cultrix, 1973.
- KENSKI, V. M. *Tecnologias e Ensino Presencial e a Distância*. Campinas: Papirys, 2003.
- NEVADO, R. A. de et al. Formação de Professores Multiplicadores. In: Moraes, M. C. (Org.). *Educação a Distância - Fundamentos e Práticas*. Campinas: UNICAMP / NIED, 2002.
- LÉVY, P. *Cibercultura*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1999.
- MARINHO, R. A. Alfabetização na comunicação audiovisual. *Tecnologia Educacional*. Rio de Janeiro, v.16, n.75/76, mar./jun., 1987.
- MORAES, M. C. Tecendo a Rede, mas com que Paradigma? In: MORAES, M. C. (Org.). *Educação a Distância - Fundamentos e Práticas*. Campinas: UNICAMP / NIED, 2002.
- MORIN, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez, 2000.
- SAMPAIO, M. N. e LEITE, L. S. *Alfabetização tecnológica do Professor*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- SILVA, E. T. da. *Magistério e mediocridade*. São Paulo: Cortez, 1992.